



Reflexões

Sobre o

ESTADO DO ALGARVE



José Ignacio Borges Romeira Pacheco

Lisboa
Typografia do Progresso
1855

REFLEXÕES

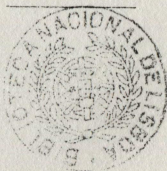
SOBRE O

ESTADO DO ALGARVE,

O QUE PRECISA PARA QUE O SEU COMMERCIO E
INDUSTRIA PROSPERE, E OS SEUS PRODUCTOS
ADQUIRAM MAIS CREDITO, PROMPTA VENDA E
MELHORES PREÇOS NOS PRINCIPAES MERCADOS.

POR

Jose Ignacio Borges Romeira Pacheco.



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO PROGRESSO

Á BOA VISTA

(Palacio do Conde de Sampaio.)

1855.

Museu do Trajo
São Brás de Alentejo

Centro de
Documentação

COMPRA

R. 184203

SC
18892

O REINO DO ALGARVE.

O Algarve é a provincia mais pittoresca e salubre do nosso Portugal, muito principalmente o que comprehende o seu littoral. A sua temperatura é excellente, o seu torrão muitissimo productivo e abundante de diferentes generos, e de magnificas e saborosas fructas. Os seus portos são abundantissimos de immensas qualidades de pescarias de grande valor, e de prompta extracção para todo o reino e para a maior parte das provincias de Hispanha. As maiores porções do atum, da pescada, da sardinha, e do peixe de séca que alli se pesca, é exportado principalmente para

Museu do Trajo
São Brás de Alportel

Centro de
Documentação

a provincia da Andalusia da nossa vizinhança, o que muito contribue para annualmente ficar no Algarve um bom numero de contos de réis, e bem concorre para a sua prosperidade, e augmento nas rendas do thesouro. São muitos os barcos hispanhoes que frequentam os portos de Villa Real de Santo Antonio, de Tavira, da Fuzeta, d'Olhão, de Faro, de Villa Nova de Portimão e mesmo de Lagos em busca destas qualidades de peixe. O marisco, que é allí muito e bom, á primeira vista parece não ser de rendimento algum, porém é producto que se exporta, principalmente d'Olhão e Fuzeta, para Hispanha e Gibraltar, e o seu valor sobe por anno a uma menos má cifra.

A costa do Algarve desde o cabo de S. Vicente até ao Guadiana offerece a vista mais linda que se póde imaginar. Todos os estrangeiros, que viajam, e que por alli passam, não se fartam de a admirar; porque em toda esta distancia não vêem diante de si até ás faldas da Serra, senão um continuo bosque, muito principalmente desde Lagos até Villa Real.

A pesca do atum no ultimo anno findo foi naquella provincia fertilissima e de vantajosos preços: este peixe nas primeiras e segundas copejaduras vendeu-se a 70 e 80 mil

réis a duzia. Nas immediatas, em quanto durou o tempo d'affluir ás armações o atum de direito (que é o que vai do norte para leste desovar no Estreito, e que na realidade é o melhor e mais saboroso deste peixe) foi reputado na lota de 30 a 50 mil réis a duzia. Nos fins de julho e principios d'agosto ultimos, copejaram as armações em frente de Tavira (ponto onde mais afflue este peixe, na costa do Algarve) dez dias successivos, tirando-se das mesmas a 2 e 3 mil peixes por dia.

As guarnições destas artes, que não são pequenas, já não podiam continuar nesta interessante e divertida, mas para aquella gente, bastante laboriosa operação, por estar toda cansada e com os pulsos abertos de tanto trabalho. Não ficou armazem, pilhetas, ou vasilhame algum disponivel que não se enchesse d'atum.

Os barcos que conduzem da costa este peixe e que entram a barra, quando chegam em frente da lota, têm já tido grande demora no seu transito, o que bem nocivo se torna á boa conservação do peixe, por causa da barra ficar hoje a mais de duas leguas de distancia da cidade, em frente da igreja da freguezia de Cacella (antigamente Villa de Cacella) concelho da Villa Real, e quasi, pó-

de-se dizer, que fechada, infelizmente, quando antes ficava mesmo em frente da cidade.

A ria está toda coberta de restingas d'areia e quasi de todo innavegavel, em consequencia das correntes terem pouca força, pela demasiada distancia em que fica a barra. Os cahiques mesmo, custam já a chegar em frente de seus ancoradouros. Os navios que alli entravam a fazer alguns carregamentos dos generos do paiz, vão de todo desapparecendo, porque a maior parte dos mesmos tinham de metter as cargas fóra da barra, com o que faziam muitas despezas. E' pena que esta ria, que tem desde a barra 7 leguas de cumprimento até Faro, ficando á margem da mesma, da parte do norte, o povo da Fuzeta, e a villa d'Olhão, esteja em tão triste estado!

A povoação da Fuzeta é muito moderna: ha vinte e cinco annos era este povo composto d'um pequeno numero de fogos, mettidos em umas pobres cabanas de junco, que só se empregava na pesca. Eu mesmo, nesse tempo, não conhecia alli senão tres casas de alvenaria de tres lavradores; hoje porém póde-se vêr esta povoação, não só pelo augmento que tem tido a sua população, composta já não só de pescadores, mas de muitos negociantes e lavradores, senão mesmo como os seus indigenas, têm edificado muitissimos

predios bem arruados sem se vêr já uma só cabana.

O commercio vai desenvolvendo-se alli consideravelmente: a agricultura ainda mais, a pontos de não haver já nos seus suburbios um palmo de terra que não esteja cultivado, quando os mesmos antigamente se achavam totalmente incultos. Torna-se agradável o vêr-se os grandes figueiraes e vinharias, que uma pouca d'areia e um puro barrocal bem escabroso, tem alli creado, a que dá logar a incubar-se naquelle povo muito e optimo vinho. Todavia a sua barra, que não é antiga, e que a propria natureza abriu mesmo em frente, e muito proxima da povoação, acha-se igualmente em miseravel estado.

As barras e rias dos portos do Algarve geralmente estão desgraçadas, mas nenhuma tão mal como a de Tavira, porto este tão importante pelo seu commercio e maior abundancia de generos e pescarias de immediata exportação.

Os deputados do Algarve e o actual governo, devem olhar com attenção e interesse para aquella minha malfadada provincia, onde os governos desde 1834 nada tem feito, nem nem um deputado obtido a não ser um farol no cabo de Santa Maria, e uma legua, pouco mais ou menos, de estrada melhorada

em cada uma das duas estradas que vão de Faro a Loulé, onde se trabalha desde 1847, consumindo-se, segundo me consta, nellas quarenta contos de réis; sendo aquella provincia a que mais soffreu, e pugnou pela causa da liberdade, e do throno de sua magestade, e a que póde vir a produzir mais rendimentos ao estado.

A estrada real do littoral do Algarve, desde Lagos até Villa Real está em muitos logares pessima.

E' uma vergenha que ainda até hoje se não tenha feito uma ponte na ria de Villa Nova de Portimão por onde a dita estrada passa, e que ha tantos annos se vejam os algarvios sujeitos a mil incommodos e a immensos prejuizos, que se dão na passagem da dita ria por via de lançhões.

Ha occasiões em que, por causa do mau tempo, os passageiros, que vem do lado de leste da provincia, se vêem na dura e incommoda precisão de estarem á espera, sobre a margem da mesma ria, que o tempo melhore, ou que os barqueiros lhes dê na vontade de os ir passar para o lado da villa.

Esta ria que communica com a muito antiga cidade de Silves, mas mal, precisa igualmente ser profundada de maneira que um cahique possa ir receber os carregamentos dos

Museu do Trajo
tuga cidade de
Centro de
bique possa ir

por grosso para o estrangeiro. Este procedimento é de muitissimo prejuizo para a minha provincia natal, que bem desejo ver, ou poder remediar.

Ha generos, e fructas, vindas d'aquelle meu paiz, que os monopolistas compram aqui por bem diminutos preços, em vista do que elles podiam, e podem valer no mercado, em consequencia de meus patricios muitas vezes ignorarem se os ditos generos são ou não por mais alguém procurados; é por isso, (e quasi sempre por não poderem empatar o seu dinheiro, por não terem outro, em algumas occasiões, para tornarem a negociar outros productos) que algumas vezes os sacrificam aos preços que os monopolistas lhes querem fazer.

Com os carregamentos de figo ha muito tempo que acontece desgraçadamente isto, a ponto de geralmente serem vendidos por menos do que os negociantes vendedores os compram no Algarve aos lavradores. A fóra o figo que vem já d'aquella provincia mais bem preparado e aceado para o consumo desta cidade, todo o mais vai cair, unicamente, nas mãos de não sei quantos compradores: estes senhores fazem que querem, impondo, como lhes parece, aos vendedores o preço que lhes dá na vontade. Este anno até têm ajustado o figo, deixan-

do-o ficar nos proprios barcos dos vendedores; não o pagando, apesar de queimado, nem o descarregando senão quando o têm já vendido, por outra parte, aos navios, quer nacionaes, quer estrangeiros, que d'aqui o exportam para differentes portos.

Com a amendoa, azeite, aguardente, vinho e outros generos acontece, infelizmente, o mesmo, por falta de não haver nesta cidade um estabelecimento de deposito e de venda de todos os generos e fructas do Algarve que vierem para este mercado.

Por outro lado uma boa parte dos proprietarios e negociantes daquella provincia costuma mandar, de sua conta, os generos que têm á consignação d'alguns seus amigos d'aqui, para estes os venderem, mas quasi sempre acontece as vendas não se fazerem promptamente, por causa de nem todos saberem onde e quem os tem de venda; e mesmo porque os ditos seus amigos, (pelos muitos negocios de que se vêem cercados, e em que mais se interessam) não as podem promover. Se ha, por um acaso, alguém que os procure, bem vai; se não ha, muitas vezes por ignorarem, para ahi estão mezes e mezes sem se venderem, com grande prejuizo do empate dos dinheiros, que podem servir a seus donos para os empregarem, du-

rante o anno, duas e tres vezes, se se fizessem as vendas dos referidos generos no dito estabelecimento.

Um estabelecimento commercial nesta cidade, que se responsabilise pelos generos e fructas, que do Algarve lhe venham á consignação e deposito; que promova a venda dos mesmos por via de leilões publicos no mencionado estabelecimento, quer estejam nos barcos, quer nas alfandegas, ou no deposito do mesmo estabelecimento, annunciando previamente nos jornaes da capital quaes as porções, a qualidade e a naturalidade dos generos, ou de fructas a vender, em vista das respectivas amostras, declarando nos mesmos annuncios a quem pretencem, querendo os respectivos donos, fará por certo dar não só mais credito e facil extracção aos ditos productos neste mercado, mas tambem mais 15 ou 20 por cento sobre o valor que têm tido até aqui.

O supradito estabelecimento, por tal fórma organizado, pôde ir prestar valiosos serviços ao Algarve, pela facilidade com que se hão de realisar as vendas dos seus fructos, e adquirir aos mesmos o credito e o bom preço que merecem, com a affluencia de compradores, tanto nacionaes como estrangeiros, que deste modo se hão de desenvolver.

Nacionaes e com
São Brás de Alportel

Gerente de um estabelecimento destes
Documentação

póde vir a ser considerado por todos os meus patricios, um commissario geral do Algarve para todos os seus negocios, em quem effectivamente deverão descançar para a prompta solução dos mesmos.

Além disso prestando-se tambem o estabelecimento a fazer ir deste porto, para as principaes praças estrangeiras, pelos paquetes, os generos e fructas do Algarve, que lhe venham á consignaçoão, quando naquelles mercados se offereçam, como quasi sempre se offerecem, maiores preços e extracção, é mais um serviço que seus proprietarios e negociantes devem acceitar e até agradecer.

Os generos, e principalmente as fructas daquella provincia, hão de affluir mais a este mercado, e aos do estrangeiro, não só quando para o proximo verão continuar a carreira de navegação a vapor entre este e aquelles portos, para o que muito se interessa a companhia Lloyd Lusitano; mas tambem quando os meus patricios virem as vantagens, que hão de sem duvida alguma resultar do supradito estabelecimento.

Não é só necessario que esteja estabelecida uma e outra cousa, para os generos e fructas do Algarve adquirirem o credito e o valor que podem ter nos mercados; é tambem convenientissimo, que todos os proprietarios

e negociantes se empenhem, naquelle paiz, para bem os prepararem, e para não os fazerem vender aqui senão no competente estabelecimento, porque do contrario nada obteremos.

O figo, cuja maior parte é enceirado tal qual os lavradores o tiram sujo das tu-lhas, depois d'apanhado, deve ser todo de hoje em diante lavado e exportado em caixotes, qualquer que seja o seu tamanho, para obterem no mercado mais 20 ou 30 por cento do que tem tido. As caixas pódem ir de Lisboa já cor-tadas e talhadas para lá se armarem ; porque pela maneira como as folhas da madeira se cer-ram por machina a vapôr aqui, não pôde vir custar cada uma mais do que 20 a 25 réis. Os lavradores não devem vender o figo sem ser la-vado, bem limpo e enchuto: os compradores não o devem comprar sem ter tido este proces-so, ainda quando augmentem no preço como devem 100 ou mais réis em arroba.

Já está conhecido que os negociantes, que commerciam neste genero em ponto grande não têm nem tempo, nem proporções para la-varem muitos milhares d'arobas de figo ; e por isso não tem sido possivel, até aqui, apre-sentar-se todo o mercado bem limpo e prepa-rado. A lavação do figo e o bem enchuto do mesmo, deve ficar ao cuidado dos lavradores,

assim como o preparo ao cuidado dos compradores, encaixotando-o tódo, com o que tirarão grande resultado.

A laranja para ter mais prompta venda e extracção, tanto neste mercado, como no estrangeiro, é preciso também vir encaixotada e empapelada uma por uma. As caixas para a mesma devem mandal-as ir também d'aqui já talhadas, para lá se armarem, por ser nesta cidade que mais ao facto se está da medida e da solidez das mesmas.

A uva, quer de vinha, quer de parreira ferral, deve para o futuro produzir no Algarve muito bom rendimento, se a exportarem não só para este mercado, mas até se por via do respectivo estabelecimento, a mandarem encaixotada para os portos estrangeiros. Já o anno passado eu fiz influir alguém para mandar vir do Algarve alguma, e mandando-a para Londres encaixotada, teve naquelle mercado o valor de 4:500 por cada caixa de arroba, não se dando porém o nome se não d'uva de Lisboa! As caixas para a uva devem também mandal-as ir d'aqui já talhadas para lá se armarem; assim como homens peritos para a sua preparação, e não precisa muitos.

Nem toda a qualidade d'uva serve para se exportar, e ter mais prompta extracção e

valor; das qualidades de que se hão de servir eu informarei as pessoas, que pretenderem fazer esta negociação. As caixas para a laranja e uva já talhadas e enfeichadas para no Algarve se armarem, o estabelecimento promptificar-se-ha a fornecel-as com commodidade.

Desgraçadamente até hoje a maior parte dos generos e fructas do Algarve não têm sido consumidos nesta cidade e exportados para os portos estrangeiros, se não dando-lhes differentes naturalidades.

O vinho, por exemplo, que tem sido exportado ha dois annos do Algarve, não tem sido consumido aqui por miudo senão dando-lhe o nome de vinho de Carcavellos, de Collares, de Torres, e de Lisboa: algumas pessoas o estão vendendo até como malvasia e champagne, depois de lhe terem para isso feito a competente preparação.

Para o Brazil mandaram os monopolistas este anno que passou menos más porções de pipas de vinho do Algarve, depois de preparado para o competente embarque, com o qual obtiveram bons interesses naquelle imperio, por causa do bom preço porque o venderam ali, em vista d'aquelle porque o compraram aqui, dando-lhe egualmente o nome de vinho de Lisboa. Nem por isso os

mesmos monopolistas entenderam dever acreditar e pagar por mais preço os vinhos do Algarve; pelo contrario não fazem senão desacreditá-los, dizendo aos vendedores que o vinho do Algarve não presta para mais nada senão para o distilarem na outra banda !...

Ha mais d'um anno, que alguns armazens de vinho engarrafado desta capital se não surtem d'outro vinho na maior parte senão do Algarve, mas quando o vendem omittem tambem a sua verdadeira naturalidade com os dísticos impressos, que põem nas garrafas com differentes nomes. Isto mesmo já me foi confessado por alguns donos dos ditos armazens, acrescentando-me os mesmos, que o publico gosta dos vinhos, apesar de não declararem que é vinho d'aquella provincia, e que, a não ser o surtimento que tem feito do dito vinho, ha muito custaria em Lisboa uma garrafa 240, e que hoje ainda com esta quantia se compram duas.

Com a aguardente que tem vindo do Algarve têm feito o mesmo: exportam-na para o Porto e consomem-na mesmo aqui, dizendo que é aguardente de Lisboa. Se até mesmo com as azeitonas de calda, que vêm do Algarve, gradas, muito bem preparadas, principalmente de Tavira, Olhão e

Faro, não as consomem aqui nem as exportam para os portos estrangeiros, senão dando-lhe o nome d'azeitonas d'Elvas. A quasi todos os mais generos fazem o mesmo. Custa me vêr assim sem titulo nem credito os immensos productos da minha patria.

E' verdade que no Algarve não ha ainda o necessario conhecimento da preparação dos vinhos: eu já ali incubei alguns, e por isso sou uma testemunha ocular e até experiente que nenhuma preparação se faz a este genero, além do processo para a sua infusão; tal qual sae o mosto dos lagares, assim se mete nas pipas; nem mesmo quando se estrefegam se lhe deita mais do que um quartilho ou meia canada d'aguardente em cada vasilha; era por isso que os mesmos não se exportavam ha mais tempo, sendo necessario consumirem-se todos na mesma provincia pouco menos que dados. Este mal ainda não está de todo remediado, (ainda quando já hoje haja alguma pequena preparação); mas é mui natural que brevemente se venha a remediar.

Os vinhos do Algarve, mesmo sem preparação alguma, são muito saborosos e saudaveis. Os principaes são os da Fuzeta, Tavira, Moncarapacho e Alvôr.

Os vinhos da parte do poente são os mais

faceis de poderem imitar os da Madeira: assim como alguns outros d'alguns concelhos do lado de leste. Os vinhos tintos são muito melhores do que os de Collares, de Carcavellos e de Torres, como muitos donos d'armazens de vinho em Lisboa o asseveram.

Ha vinhos no Algarve que preparados como os da Madeira não serão peiores do que os da mesma ilha.

No concelho de Villa Nova de Portimão já se acham uns poucos de cidadãos da Madeira associados, preparando os vinhos do Algarve como os preparam na mesma ilha. Os mesmos já têm 250 pipas preparadas e dizem que alguns vinhos d'ali assim preparados, saiem até melhores do que os da propria Madeira.

A industria no Algarve não deixa de estar ainda muito atrasada: não se pense porém que é por falta de meus patricios serem emprehendedores, activos e até por temperamento laboriosos.

A escacez de capitaes disponiveis para diferentes empresas industriaes, que aquelle solo proporciona e das quaes se tiraria sem exaggeração alguma 15 e 20 por cento, é o principal mal da industria, e até do mesmo commercio se achar ali tão pouco desen-

volvido. As principaes fortunas do Algarve achão-se capitalisadas, e a propriedade muito dividida e em geral muito onerada. O agio do dinheiro por isso naquelle paiz se acha tão elevado: em alguns concelhos sobe elle a 40 por cento; no de Tavira, infelizmente, passa álem do extremo. Os mutuantes de dinheiro naquella cidade não fazem transacção alguma por menos de 50 a 60 por cento. Isto não deixa de ser uma calamidade, que pesa sobre aquelle, e outros concelhos, que só os bancos ruraes, se se criassem, facilmente podião remediar.

O governo e as camaras devem este anno tomar esta medida na generalidade para beneficio de todos os provincianos.

Já se deixa ver que os empréstimos dos dinheiros, pelos preços que se costumam fazer no Algarve, não se podem realisar ou receber para especulações industriaes ou commerciaes. E' necessario obtel-os para este fim, por um juro rasoavel, dos capitalistas desta cidade, sobre hypothecas que não estejam oneradas, ou mais facilmente, sobre hypothecas dos generos que depositarem no estabelecimento, quando os mesmos não tenham logo prompta extracção no mercado. Onde melhor que no Algarve haverá pro-

porções tão vantajosas para poder prosperar a industria?

Onde haverá pois melhores e mais abundantes aguas para differentes fabricas? Ali ha os generos mais proprios e abundantes para a distillação da aguardente em ponto grande, por via de caldeiras, e machinas a vapor, para se pouparem mais despesas, que por outro modo se dão no fabrico deste liquido, que tem hoje tanto valôr nos mercados. Há no mesmo paiz o vinho, o figo, o medronho e a alfarroba com abundancia, para destes generos se extrair boa e abundantissima aguardente. A alfarroba, além do que já rende no Algarve, pode vir a render muito mais, se se desenvolver a sua distillação, pois já este anno alguns meus patricios a têm ido distillando. E' necessario porem que os mesmos se preparem com as competentes machinas para hem e mais facilmente a traçarem, para pouparem maiores despesas, e com mais promptidão se desenvolver a fermentação: esta aguardente é melhor do que a do figo, se a souberem preparar, e até se torna muito estomacal. Ha vinte annos, que meu pai a distillou por especulação, porem este genero não era para se distillar em caldeiras pequenas.

Ha tambem o azeite proprio para a fabricação do sabão, se a proposta do go-

verno para a rescisão do contracto do mesmo, fôr approvada, como é de esperar, este anno nas camaras, por ser uma medida esta em favor d'um genero que é tão necessario ao aceio do corpo humano.

Em nenhuma provincia ha azeite tão capaz para a fabricaçào do sabão como no Algarve, e tanto é isto certo, que os contractadores sempre se teem surtido do azeite do Algarve para o seu fabrico aqui.

Se se conseguir tambem a rescisão do contracto do tabaco (e que bem estimarei vêr rescindir este contracto para deixarem de soffrer grande numero de desgraçados e cessarem tantas arbitrariedades e barbaridades, que vão d'encontro á civilisação) o Algarve deve vir a lucrar muitõ, uma vez que a cultura deste genero se faça extensiva áquella provincia, como deve ser, porque não é nas ilhas só que a planta tabaqueira se dá melhor do que no Algarve, pelo seu bom clima e productivo torrão.

Para a agricultura, o commercio e a industria prosperarem, no Algarve, não é necessario só a prompta via de communicaçào de barcos a vapôr; é preciso tambem, que as suas barras, rias, e estradas sejam melhoradas; que o governo e as camaras criem bancos ruraes, e que alguém estabeleça, quanto

antes nesta cidade, um estabelecimento commercial de deposito e venda de todos os generos e fructas do Algarve que vierem para este porto, e que este mesmo estabelecimento promova dos capitalistas d'aqui para os negociantes e proprietarios do Algarve alguns emprestimos de dinheiro a rasão d'um juro rasoavel, sobre hypotheca dos mesmos generos, que depositarem no estabelecimento, quando não os pretendam vender logo, pelos mesmos não terem prompta venda, ou vantagem de preço no mercado.

. Conhecendo pois a necessidade que ha nesta cidade d'um tão util estabelecimento de deposito e venda de todos os productos do Algarve, e que estabelecendo-o eu mesmo, desde já, prestarei talvez um serviço ao meu paiz, por isso não tenho duvida em propor-me a fazer publico que tenho emprehendido, esta empreza, arrendado casas e armazens para este fim, estabelecendo o respectivo escriptorio na rua da Prata n.º 22, debaixo do titulo de Escriptorio do Estabelecimento Commercial Luso Algarviense.

Ainda que este estabelecimento por agora se encarregue d'alguns negocios sem serem do Algarve, com tudo o principal fim para que o estabelecimento (acreditem os meus patri- cios) é para d'este modo concorrer no que

seja possível para que os productos da minha provincia tenham, não só mais credito, se não mesmo mais valor e prompta extracção n'este e outros mercados, e proporcionar aos ditos meus patricios um meio de obter-lhes emprestimos de dinheiro para seus negocios por modico juro, para com os mesmos tornarem a negociar em outros generos, em quanto os que depositarem não obtiverem maior preço no mercado.

Cumpre-me portanto convidar a todos os meus patricios e amigos algarvienses, para que se dignem abraçar esta minha idéa, e interessarem-se para que os nossos fructos de hoje em diante não se vendam em Lisboa se não por via do competente estabelecimento, com o qual não farão de despeza senão uma diminuta commissão, como verão do seguinte programma, da qual, com certesa, nascerá, não só a facilidade das vendas, e o credito, mas tambem o augmento nos preços de todos os nossos differentes productos.

Lisboa 29 de janeiro de 1855.

José Ignacio Borges Romeira Pacheco.

Edm. G. Carras

X PROGRAMMA. X

ESCRITORIO DO ESTABELECIMENTO COMMERCIAL
DE DEPOSITO E VENDA DE TODOS OS GENEROS
E FRUCTAS DO ALGARVE, DENOMINADO
LUSO ALGARVIENSE,

DIRIGIDO POR

José Ignacio Borges Romeira Pacheco.

Este estabelecimento encarrega-se das vendas e deposito de todos os generos e fructas que vierem do Algarve a este mercado, promovendo a venda dos mesmos, por via de publicos leilões no dito estabelecimento, com previos annuncios nos jornaes, declarando quaes as porções, a qualidade, e a naturalidade dos generos; ou de fructas a vender, em vista das respectivas amostras, quer estejam nos barcos, quer nas alfandegas ou no deposito do estabelecimento, e bem assim os nomes das pessoas a quem pertencerem, querendo os respectivos donos.

Brás de Alportel
Centro de Documentação

De fazer publicar no JORNAL DO COMMERCIO o preço porque se realisaram as vendas,

com a declaração dos nomes dos senhorios a quem pertencerem, e dos que os comprarem, não só para conhecimento dos interessados, mas para mais credito do estabelecimento.

De promover empréstimos de dinheiro a juro, por preço rasoavel, para os proprietarios e negociantes algarvienses, sobre hypotheca dos generos que depositarem nos armazens do dito estabelecimento.

De fazer exportar para as praças estrangeiras os generos e fructas da dita provincia, que para esse fim lhe vierem á consignação, por se offerecerem sempre melhores preços naquelles do que neste mercado.

De comprar aqui fazendas, generos, ou quaesquer encommendas que lhe façam do Algarve.

De commissões de todos os generos e fructas do Algarve que aqui lhe fizerem, ou de qualquer ponto do reino, ou de outros quaesquer portos das nações estrangeiras.

De mandar vir de qualquer praça estrangeira fazendas ou encommendas que lhe façam do Algarve.

De sortir os negociantes, ou proprietarios do Algarve, de caixas já talhadas e enfeixadas para lá se armarem para a laranja e uva, que quizerem exportar para este porto edo estrangeiro, com commodidade.

De todos os negocios do Algarve (e das mais provincias) que dependerem de todas as secretarias d'estado, do commando em chefe do exercito, do tribunal da Relação de Lisboa, do supremo tribunal de justiça, do

supremo conselho de justiça militar, do tribunal de contas, do conselho d'estado e da nunciatura romana; para cujos negocios haverá no estabelecimento uma repartição separada, com os competentes empregados, debaixo da direcção e responsabilidade do respectivo director, para terem prompta solução.

De promover tambem a venda e compra de predios rusticos e urbanos, de Lisboa e seu termo, e de agenciar emprestimos de dinheiro a juro, sobre hypothecas de predios, que não estejam onerados em Lisboa e seus suburbios.

Do desconto de letras, o adiantamento de soldos e ordenados, e d'accções de bancos e companhias. Este estabelecimento hade ter socios agentes em Lagos, Alvor, Monchique, Villa Nova de Portimão, Silves, Albufeira, Loulé, Faro, Olhão, Fuseta, Tavira e Villa Real de Santo Antonio. Hade haver no estabelecimento um livro de entradas dos generos que quizerem depositar, de que o director passará recibo; outro dos generos ou fructas que se venderem; dos generos ou fructas que forem para as praças estrangeiras pelos paquetes; outro do pedido das encommendas que fiserem ao estabelecimento e das que o dito estabelecimento fiser aos socios agentes; outro dos emprestimos dos dinheiros que se realisarem por conta dos generos depositados, e outro de todos os negocios forenses e das secretarias de estado e mais tribunaes.

Os senhores proprietarios e negociantes do Algarve, que pretenderem vender, como

devem, os seus generos no estabelecimento commercial Luso-Algarviense, por via de publicos leilões, ou faser no mesmo o competente deposito, quando não tenham logo prompta venda e vantajoso preço no mercado, podem faser-os directamente dirigir, ou por via dos socios agentes da dita provincia, ao director do estabelecimento, para lhes dar logo prompta solução.

As importancias dos generos que vender o estabelecimento serão immediatamente entregues a seus donos, quando os mesmos estiverem presentes, e na sua ausencia, ás pessoas a quem auctorisarem.

A commissão dos generos que vender o estabelecimento, enviados ou determinados pelos proprios donos, será a de 2 por cento sobre a importancia porque forem vendidos.

A commissão dos generos que os proprios donos depositarem no estabelecimento, será a de 2 por cento sobre o seu valor.

A commissão dos generos que enviarem os socios agentes para o estabelecimento os vender, será a de 2½, por cento sobre o seu valor.

A commissão dos generos que enviarem os socios agentes para se depositarem no estabelecimento, no caso que não tenham logo prompta extracção e valor no mercado, será a de 2½, por cento sobre o seu valor.

A commissão de promover emprestimo de qualquer quantia de conta dos generos depositados será a de 2½, por cento.

A commissão das encommendas que os proprietarios e negociantes do Algarve fize-

rem ao estabelecimento será a de 2 por cento.

As que fizerem os socios agentes, para segundas pessoas, será a de 2¹/₂ por cento.

A commissão dos generos que o estabelecimento encommendar aos socios agentes, será a de 3 por cento.

A commissão dos generos, ou de fructas, enviadas pelos socios agentes, ou por quaesquer proprietarios ou negociantes do Algarve, ao estabelecimento, para este os fazer ir pelos paquetes para as praças estrangeiras, não poderá ser mais do que a do costume.

Toda a correspondencia será franca de porte e dirigida ao director do estabelecimento. O escriptorio abre ás 9 horas da manhã e fecha ás 5 da tarde.

Lisboa 29 de janeiro de 1855.

José Ignacio Borges Romeira Pacheco.

50

18892

